

Aluízio Napoleão

Na história recente do nosso País, destaca-se, nítido, o perfil de um governante: Juscelino Kubitschek de Oliveira, o construtor desta capital, que Hipólito José da Costa vislumbrou em sem **CORREIO BRAZILIENSE**, no século XIX. Neste momento em que seu falecimento foi lembrado no **Memorial JK**, sob a inspiração de Affonso Heliodoro dos Santos, com a presença da excelsa primeira-dama, dona Sarah Kubitschek, recordo que o fundador me dizia, muitas vezes, que iria ser lembrado pela construção de Brasília, que ele viveu intensamente neste Planalto Central que, hoje, como previu, se tornou "cérebro de altas decisões nacionais".

O interesse de Juscelino pela construção da nova capital brasileira era tão intenso que, por duas vezes, falou-me, antecipadamente, sobre o assunto, a primeira delas durante a campanha política, quando eu retornava de Ancara, a capital construída no Planalto da Anatólia por Kemal Ataturk. Quis informações sobre a nova cidade, que se tornou o centro da vida turca, ao serem transferidas para ela os órgãos governa-

mentais da velha Bizâncio, depois Constantinopla, que fora o centro dos impérios bizantino e otomano. Novamente, já após sua posse no Palácio do Catete, o presidente Juscelino Kubitschek solicitou-me que falasse a respeito da transferência da capital turca para Ancara numa reunião que presidiu, com a presença do general José Pessoa, que era, na época, o chefe da transferência da capital para o Planalto Central, antes da constituição da Novacap, com a nomeação de Israel Pinheiro para presidir o novo órgão então criado, assunto já focalizado neste jornal pelo ilustre Ernesto Silva ao referir-se à primeira diretoria da Companhia Urbanizadora da Nova Capital, da qual fez parte com Bernardo Sayão (24 de setembro de 1956).

Chegou, então, o presidente Juscelino Kubitschek ao sítio escolhido, no dia 2 de outubro, recordando Ernesto Silva, ao dizer: "Nada havia neste hermo".

Vim a Brasília, pela primeira vez, em 1957, já como da Presidência da República, chefe do Cerimonial trazendo, por ordem do presidente, o embaixador dos Estados Unidos da América, Ellis Briggs, o primeiro chefe de Missão Diplomática que se

interessou pela construção da nova capital brasileira, pois o presidente foi impedido de vir por compromissos inadiáveis. O representante americano caçou codornas no Planalto Central, enquanto Bernardo Sayão me levava para ver o sítio em que estavam sendo construídos o Palácio da Alvorada e o Brasília Palace Hotel. Ao regressarmos, como já recordei em artigo anterior neste jornal, ao ver os candangos abrindo a mata do cerrado, perguntei àquele pioneiro qual era o objetivo de semelhante trabalho, respondendo-me Bernardo Sayão que estavam abrindo o Eixo Monumental...

Ao vermos que, neste ano de 1993, já estão sendo construídos os túneis para a passagem de veículos subterrâneos, com o metrô, graças ao dinamismo do governador Joaquim Roriz, não podemos deixar de crer na capacidade realizadora dos brasileiros, ao evocar a figura do estadista que teve a coragem de enfrentar os maiores obstáculos para a realização de seu sonho, na sua arrancada para o desenvolvimento do Brasil.

□ Aluízio Napoleão, embaixador aposentado, é membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro

27 AGU 1993